

Ao tempo de Martins Pena estavam em moda os iniciadores da ópera romântica, especialmente Bellini e Donizetti. Do primeiro, não apenas a maravilhosa "Norma", mas igualmente "A sonâmbula" e "Os puritanos" e ainda outras de menor importância como "Beatrice di Tenda" e "I Capuletti ed I Montecchi". Quanto a Donizetti, que nos repertórios atuais comparece apenas através da imortal "Lucia de Lammermoor", no tempo de Martins Pena fazia-se presente através de "Elixir de Amor", de "Ana Bolena", de "Lucrecia Borgia", de "Roisario", de "A Favorita", de "A Filha do regimento" e de "Torquato Tasso", partituras atualmente raramente revidas dentre a meia centena deixada pelo mestre de Bergamo. Da fase de transição, aparecem Paccini ("Safo"), Spontini ("A vestal") e especialmente Rossini, não apenas com o "Barbeiro de Sevilha", mas também com "A italiana na Argélia", com "Semiramis" e com o "Guilherme Tell".

Convém notar, ainda, que, ao lado desse repertório italiano, figurava no ano lírico de 1846-1847, um glorioso repertório francês, da mais legítima tradição da "grand opera": Auber (com "O cavalo de bronze", "Fra Diavolo", "Masaniello" e "Os diamantes da corôa"), Hérold (com "Zampa"), Boieldieu (com "A dama branca") e Adam (com "O postilhão de Longjumeau"). Quanta ópera esquecida, algumas delas salvas apenas pelo milagre do disco!

Na época de Martins Pena, as duas maiores figuras da ópera no século XIX — Verdi e Wagner — não se tinham firmado ainda. Estavam começando suas carreiras e nenhum deles se faz presente na Côte de São Cristovão, a não ser Verdi por uma ária de "I due Foscari", incluída no festival de uma cantora. E ao comentar a ópera "A prisão de Edimburgo", lembrava Martins Pena o brilhante efeito de um côro "no moderno estilo de Verdi"...

Desde o tempo de D. João VI contava o Rio com uma brilhante tradição musical, tradição que vinha, aliás, dos Braganças, quase todos dados à música, haja visto nosso primeiro imperador, que tinha também suas veleidades de compositor. Sob D. Pedro II, talvez por influência de sua esposa, que era napolitana e, como tal, deveria ser grande apreciadora de ópera, o hábito do lirico firmou-se entre nós. Mais de um viajante estrangeiro referiu-se a esse fato e mais de um escritor brasileiro (Alencar, Machado) tratou do assunto. Mais do que qualquer outra cousa, falamos disso, agora, os folhetins de Martins Pena. E é pena (salvo seja!) que não tenhamos cousa semelhante para a segunda metade do século, quando a atividade lírica na própria Europa tornou-se mais intensa e quando a obra de Verdi começou a penetrar nos palcos brasileiros. Convém recordar, por outro lado, que o próprio Wagner interessou-se pela vida musical brasileira, pois o seu "Tristão e Isolda" apenas por um triz deixou de ter a sua estréia mundial no Rio de Janeiro. Em outra oportunidade esta história será relatada.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* * *

TAMER (Alberto). — *O mesmo Nordeste*. São Paulo, Editôra Herder, 284 págs., 1968.

O Autor, jornalista encarregado da Seção Econômica do periódico *O Estado de São Paulo*, acompanhou de perto os problemas do Nordeste, fazendo séries de reportagens que foram finalmente retocadas e condensadas no presente volume. *Conteúdo*: O livro está dividido em 4 partes:

1). — *os velhos problemas*, tomando com eixo de suas análises a questão econômico-financeira, a exploração da cana de açúcar em particular: a *SUDENE* e o *GERAN*;

2). — *um povo triste*, focando graves problemas de ordem social, especialmente relativos à saúde do povo nordestino;

3). — *o que nem todos podem dizer*. Mostra como se tem medo naquela região, de abordar determinadas situações;

4). — Apêndices: o 1º). — *sobre uma Política de Desenvolvimento Econômico para o Nordeste*; o 2º). — *Nutrição e Desenvolvimento do Encéfalo*; o 3º). — *Notas sobre o sub-emprego urbano no Nordeste*.

Análise: O Autor nos dá uma visão da situação do Nordeste (povo e terra) a partir do setor econômico-financeiro. Como a exploração agro-açucareira sempre foi o centro da vida e das atividades daquela região, é em torno dela que o Autor organiza o seu trabalho. Dá um rápido histórico da cultura de cana e de sua industrialização com as diversas fases por que esta última passou. Trata dos aspectos diversos da questão, mostrando inclusive as crises que atravessou diante da concorrência ou do sul do país ou do estrangeiro. Chega então à situação atual, destacando os organismos montados para planejar os esquemas globais de solução, sobretudo a *SUDENE* e o *GERAN*. O Autor faz várias críticas a tais organismos, apesar de reconhecer o valor de sua presença e de sua atuação.

Em todo o livro pode-se verificar a preocupação com o lado humano, com "o homem nordestino sozinho na sua miséria".

OSCAR FIGUEIREDO LUSTOSA

* *
*

MOTTA FILHO (Cândido). — *A Vida de Eduardo Prado*. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editôra. 1967, xxxii-328 págs. (Documentos Brasileiros Nº 129).

"... a investigação histórica é uma forma de viajar como viajar é uma forma de ser livre" (pág. 7).

Como uma contribuição à homenagem dispensada a Cândido Motta Filho pela ocasião de seu setuagésimo aniversário, a casa José Olympio Editôra ofereceu-nos um volume do autor cujo tema central é a vida de Eduardo Prado. Numa apresentação impecável, e tão só com o desconforto de encontrar as notas ao final de cada capítulo o que dificulta a continuidade da leitura, Motta Filho entrega-nos sua obra com uma dupla divisão. Na primeira parte, que contém oito capítulos, aborda as influências que Eduardo Prado recebeu, e que perduraram durante a trajetória da sua vida, de Dona Viridiana, sua mãe; as suas relações com seus amigos Afonso Celso, Eça de Queiroz, Monsenhor Francisco de Paula Rodrigues, Capistrano de Abreu, Joaquim Nabuco, Teodoro Sampaio, Rio Branco e Rui Barbosa, relações ainda que antagônicas quanto a alguns aspectos como suas respectivas posições políticas, mas baseadas fundamentalmente no interesse pelo desenvolvimento do intelecto e da cultura; o relato de suas viagens por várias partes do mundo, sua preocupação em estar a altura dos acontecimentos dos meios intelectuais europeus; as influências diretas de Renan e Chateaubriand visíveis no seu estilo li-